

Um esboço de sistematização da cerâmica pintada a vermelho no Garb al-Andalus: diacronia, difusão, grupos estilísticos e centros produtores

GRUPO CIGA: MARCO LIBERATO^A, HELENA CATARINO^B, SANDRA CAVACO^C, JAQUELINA COVANEIRO^D, ISABEL CRISTINA FERNANDES^E, ANA SOFIA GOMES^F, SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ^G, MARIA JOSÉ GONÇALVES^H, ISABEL INÁCIO^I, GONÇALO LOPES^J, CONSTANÇA DOS SANTOS^K, JACINTA BUGALHÃO^L

^ACEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património; ^BCEAACP;

^CMunicípio de Tavira / CEAACP, ^DMunicípio de Tavira / CEAACP; ^EMuseu Municipal de Palmela / CEAACP; ^FPatrimónio Cultural, IP / CEAACP, ^GUniversidade de Évora / Campo Arqueológico de Mértola - CEAACP; ^HMunicípio de Silves / CEAACP; ^IPatrimónio Cultural, IP – Panteão Nacional; ^JMunicípio de Montemor-o-Novo / CEAACP; ^KCEAACPI; ^LPatrimónio Cultural, IP / UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Campo Arqueológico de Mértola - CEAACP

ORCID: ^A 0000-0002-7477-6210; ^B 0000-0002-7368-0620; ^C 0009-0008-2879-7249;

^D 0009-0003-1480-1597; ^E 0000-0003-0725-7768; ^F 0009-0009-6332-1702; ^G 0000-0001-6032-1904;

^H 0000-0003-3073-7006; ^I 0009-0008-5258-2934; ^J 0000-0002-6322-0946; ^K 0000-0002-2180-2227;

^L 0000-0001-8348-5178

Resumo: A vulgarização da pintura como opção ornamental na cerâmica, constitui um dos traços mais evidentes da renovação das produções ocorrida na sequência da conquista islâmica da Península Ibérica. As versões de tom vermelho, bastante mais raras no registo arqueológico ocidental, denunciam centros especializados de manufatura e distribuição, pelo que estaremos perante produtos de consumo restrito, pelo menos nos períodos cronologicamente mais recuados.

Uma abordagem integrada aos aspetos estilísticos dessas cerâmicas, em conjunto com as cronologias da sua divulgação e contributos arqueométricos, parece permitir um mapeamento mais rigoroso do impacto e da diacronia do processo de islamização. Aspetos como as *nuances* regionais da sua difusão ou o compassado surgimento de novos *ateliers* dedicados à sua produção, completam a base empírica que sustentou este ensaio. Pretendeu-se assim avançar para além do interesse essencialmente arqueográfico que estas produções têm despertado, identificando e problematizando, ainda que preliminarmente, algumas das suas potencialidades como fonte de conhecimento histórico.

Palavras Chave: Cerâmica, Pintura a vermelho, Processo de Islamização, Garb Al-Andalus

Abstract: The vulgarization of painting as an ornamental option in ceramics is one of the most obvious traits of the renewal of productions following the Islamic conquest of the Iberian Peninsula. The red tone versions, much rarer in the Western archaeological register, denounce specialized manufacturing and distribution centres, so we will be faced with restricted consumer products, at least in more receding periods.

An integrated approach to the stylistic aspects of these ceramics, together with the chronologies of their dissemination and archeometric contributions, seems to allow a more accurate mapping of the impact and diachrony of the Islamization process. Aspects such as the regional nuances of its dissemination or the gradual emergence of new *ateliers* dedicated to its production complete the empirical basis that sustained this essay. Thus, it was intended to move beyond the essentially archeographic interest that these productions have aroused, identifying and problematizing, even if preliminarily, some of their potentialities as a source of historical knowledge.

Keywords: Pottery, Red painted, Islamization process, Garb Al-Andalus

ANTES DA CONQUISTA ISLÂMICA: UMA DISTRIBUIÇÃO LOCALIZADA E IRREGULAR

Muito embora o recurso à pintura a vermelho¹ tenha sido uma realidade em período pré-romano, dificilmente se poderá estabelecer um fio condutor entre essas produções e as que se vieram a generalizar em período islâmico. Já as produções tardo-antigas e alto-medievais parecem ter contribuído de forma mais coerente para essa difusão. No entanto, antes da conquista islâmica, a sua distribuição pode ser definida como pontual e os seus programas ornamentais como “regionalizados”. São disso exemplo as formas fechadas recuperadas em necrópoles na região de Écija (Barragán, 2012), Alicante (Rosser, 2013: 382 e 644) ou Valência (Pascual, Ribera i Lacomba, e Roselló, 2003: 83)² sem que, morfológica ou iconograficamente, seja possível entrever paralelismos evidentes entre elas. Destaca-se pela sua relevância em momentos posteriores Córdoba, onde a presença de pintura a vermelho em contextos pré-islâmicos está amplamente documentada (Fuertes, 2010: 121).

Em território atualmente português, replica-se a mesma situação. Foram também necrópoles pós-romanas como a do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (Coutinho, 2007: 289; Fig. 1: A) ou do Monte das Cegonhas, Vidigueira (Alfenim e Lopes, 1995: 395) a oferecer recipientes mais completos. Já em Lisboa, as linhas cruzadas patentes num grande contentor de armazenamento tardo-antigo, importado do vale do Guadalquivir (Grilo, Fábão e Bugalhão, 2013: 849; Fig. 1: A), também não parecem filiar-se nas representações esquemáticas de eventual inspiração fitomórfica, que decoraram alguns exemplares recuperados no Pátio da Universidade, Coimbra (Fig. 1: C) em cronologias aproximadas.

Verifica-se, assim, uma dispersão espacial de baixa densidade, com destaque para contextos funerários, sem que seja possível entrever

1 Assume-se neste estudo que a ocorrência de tonalidades mais escuras não reflete a existência de produções individualizáveis. Por exemplo, para Palmela, análises químicas determinaram que na pintura de motivos quer vermelhos, quer negros, foi utilizado o óxido de ferro (Fernandes, 2003: 650). Cumulativamente, por vezes na mesma peça, são visíveis várias colorações, resultando da ocorrência de processos químicos diferenciados aquando da sua cozedura ou decorrendo de processos pós-deposicionais (Fig. 1: A e AD).

2 E eventualmente em Carmona, muito embora a publicação não mencione a cor do pigmento (Barragán, 2009: 249).

coerências estilísticas quer morfológicas, quer ornamentais, entre as diversas ocorrências e, por inerência, a existência de centros produtores vocacionados para o abastecimento constante dessas cerâmicas em âmbitos geográficos supra-regionais.

A PAULATINA AFIRMAÇÃO DE REDES DE DISTRIBUIÇÃO ALARGADAS: SÉCULOS IX-X

O período emiral oferece um quadro completamente diferente sendo possível detetar, pelo menos, dois grandes grupos estilísticos. O primeiro utilizava traços finos para definir motivos de inspiração geométrica e teria circulado durante o século IX, a julgar pelo exemplar com maior fiabilidade estratigráfica reconhecido até ao momento, proveniente da intervenção realizada no Museu Machado de Castro, Coimbra (Silva, 2015: 159; Fig. 1: D), parecendo ocorrer também na vizinha Conímbriga, (Fig. 1: E). Para além da ornamentação, estas peças destacam-se das associações materiais contemporâneas pelas suas pastas muito claras e depuradas, sendo que a sua origem alógena, intuída nessas características físicas, foi confirmada por análises arqueométricas, para o primeiro caso mencionado (Silva, 2015: 157).

Ao contrário do verificado para as produções pré-islâmicas, parecem ser detetáveis paralelos entre regiões relativamente distantes, assinalando-se semelhanças estilísticas e cronológicas com peças de Toledo, quer da Vega Baja (Gómez e Rojas, 2009: 792), quer do seu *hinterland*, como em Guarrazar (Serrano *et al.*, 2016: 295). Será tentador relacionar este mapeamento com uma crescente articulação entre os centros polarizadores da Marca Inferior e Média, no contexto de uma crescente presença do estado cordovês nas suas periferias.

O mesmo fundo estilístico, recorrendo igualmente a traços finos e motivos geométrizantes, parece comparecer em várias peças de Silves, que apresentam ponteados no interior de colunas e que vêm sendo enquadradas cronologicamente nos séculos VIII-IX (Gomes, 1995: 28). Verificando-se que a pintura surge frequentemente aplicada sobre uma morfologia “endógena” desta cidade (Fig. 1: F), pode colocar-se a hipótese de se tratar de produções locais, sinalizando a precocidade das osmose culturais ocorridas nos territórios do sul de Portugal.

Assinala-se outro sub-grupo que também utilizou pontos e figuras geométricas - desta feita

frequentemente associadas as linhas onduladas - que, esteticamente, se parece aproximar desta corrente ornamental. No entanto, vários autores apontam para cronologias tendencialmente pós-emirais como no caso da *villa* de Milreu, Faro (Teichner, 1994: 93-94) ou do sítio de Barradas, Lagos (Silva e Silva, 2005: 81). Cumulativamente, surge com alguma frequência associado a padrões reticulados, cujo período de maior difusão se parece centrar no século X, como num bule recuperado em Alcácer do Sal (Fig. 1: G), pelo que serão necessários mais dados para afinar o seu período de circulação.

O segundo grupo estilístico recorreu a traços grossos, que se distribuíam sobre as peças sem definir motivos discerníveis. Surge em conjuntos artefactuais recuperados em Santarém (Fig. 1: H), no sítio de Sub-Serra, Vila Franca de Xira (Fig. 1: I) ou no Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, onde compareceu associado a cerâmicas vidradas emirais (Fig. 1: J), contribuindo para escorar a proposta cronológica avançada. Ocorre sistematicamente em formas fechadas, nomeadamente em garrafas de corpo globular, que parecem ser associáveis a produções de Granada³, também sinalizadas em Mérida (Alba e Feijó, 2001: 338) ou em Málaga (Acién *et al.*, 2003: 426). Indicia-se, assim, que a ocorrência desta linha de cerâmicas pintadas se relaciona diretamente com a crescente circulação de produtos de consumo restrito em todo o âmbito islâmico, dispersão que pode ter funcionado como catalisador de alterações morfológicas relevantes na paleta estilística das produções de cada região⁴.

DA GENERALIZAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO À PROGRESSIVA RAREFAÇÃO: SÉCULOS X-XIII

Ao longo do período califal/taifa, o recurso a soluções estilisticamente mais simples não desapareceu (Fig. 1: N e O), contudo, como tendência global, assinala-se uma clara diversificação e complexificação dos motivos, bem como a sua standardização, sendo evidente o desenvolvi-

mento de influências culturais partilhadas por áreas geográficas cada vez mais extensas.

Um exemplo paradigmático são os padrões reticulados, que surgem frequentemente enquadrados por molduras e que, a julgar por alguns exemplares, podem ter começado a ser produzidos ainda nos finais do Emirado (Fig. 1: L; (Gómez, 2014: 383; Silva e Silva, 2005: 83). Bastante mais a norte, em Cilhades, Torre de Moncorvo (Fig. 1: M), foi recuperado um fragmento com motivos aparentados e que pode enquadrar-se neste âmbito cronológico⁵, mas só nas centúrias seguintes alcançaria uma distribuição notável, ocorrendo com especial frequência a sul do Tejo.

Comparecem em contextos califais outros esquemas moldurados, preenchidos com conjuntos de linhas, por vezes oblíquos (Fernandes, 2004: 177) ou verticais (Fig. 1: Q). Novamente, uma forma aberta de Cilhades, Torre de Moncorvo (Santos *et al.*, 2020: 1523), volta a estimular as questões já mencionadas.

Neste período afirmam-se diferenças regionais relevantes, que importa detalhar com maior rigor em estudos futuros. Muito embora também sejam detetáveis no registo arqueológico de Silves (Gomes, 2006: 96-98), as associações de linhas onduladas e retas parecem comparecer com maior vitalidade no vale do Tejo e Sado (Fig. 1: R) enquanto as representações que classificamos como “triglifo-metopa”, parecem restringir-se ao Algarve (Fig. 1: S) demonstrando um requinte estético superior e, portanto, uma sociedade mais dinâmica, de osmoses culturais mais diversificadas. É também neste âmbito geográfico que surgem utilizações classificáveis como “artísticas”, quer pelo seu apuro estético, quer pela singularidade das suas representações. (Fig. 1: T). Bastante generalizado estaria também o recurso a pintura a vermelho para mimetizar produções mais raras e onerosas, nomeadamente pela inspiração em peças decoradas a verde e manganés (Fig. 1: W e X).

Em cronologias mais tardias, já durante o período dos Impérios Africanos, parece ter-se revitalizado a opção por traços grossos mas, ao invés das soluções emirais, compondo associações bastante complexas, ainda que esquemáticas (Fig. 1:

3 A peça de Santarém tem flagrantes coincidências morfológicas com a forma 8.1.A.2.5 das cerâmicas de Cercadilla (Fuentes, 2010: 123)

4 A identificação de jarras de colo cilíndrico, uma das formas mais marcantes do processo de “islamização das materialidades”, no sítio de Barradas, Lagos (Fig. 1: K) contribui para reforçar esta linha interpretativa.

5 A comprovada tradição de cerâmica pintada autóctone do Noroeste Peninsular (Bohigas *et al.*, 1989), que se desenvolveu à margem da influência islâmica, impõe alguma precaução na atribuição crono-cultural a esta peça. Na Figura 2, os sítios onde a atribuição cronológica aos materiais pintados não é segura, surgem acompanhados de um ponto de interrogação.



Figura 1. Cerâmica pintada a vermelho no Garb al-Andalus. *Pré-islâmica* - A) Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (Coutinho, 2007: 289); B) Lisboa (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013: 849); C) Coimbra. *Emiral* - D) Coimbra (Silva, 2015: 159; E) Conímbriga (Alarcão *et al.*, 1976: 49 e 130); F) Silves (Gomes e Gomes, 2001: 53); G) Alcácer do Sal (Barata, 2007: 46); H) Santarém (Liberato, no prelo: 167); I) Sub-Serra, Vila Franca de Xira (Batalha, 2009); J) Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Pereira, 2003: 55); K) Barradas, Lagos (Silva e Silva, 2005: 83); L) Palmela (Fernandes, 2004: 151); M) Cilhades, Torre de Moncorvo (Rossello *et al.*, 2016). *Califal\taifa* – N) Évora (Santos, 2015: anexo X); O) Lisboa (Bugalhão e Gómez, 2005); P) Silves; Q) Silves (Gomes, 1992: 45); R) Palmela (Fernandes, 2004: 184); S) Castelo Velho de Alcoutim; T) Cerro da Vila, Loulé (© Museu de Loulé); U) Barradas, Aljezur (Silvério e Barradas, 2015: 260); V) Silves; W) Lisboa (Bugalhão e Gómez, 2005); X) Santa Maria da Feira (Teixeira, 2017); *Impérios Africanos* - Y) Silves Z) Castelo Velho de Alcoutim; AA) Mértola (Gómez, 2014: 339); AB) Vale Casal Mourão, Mafra (Sousa *et al.*, 2009); AC) Torres Novas (Lopes, 2017); *A produção local* – AD) Mértola (Gómez, 2014: 384); AE) Santarém (Liberato, no prelo: 195); Santarém (Beltrame *et al.*, 2019: 925)

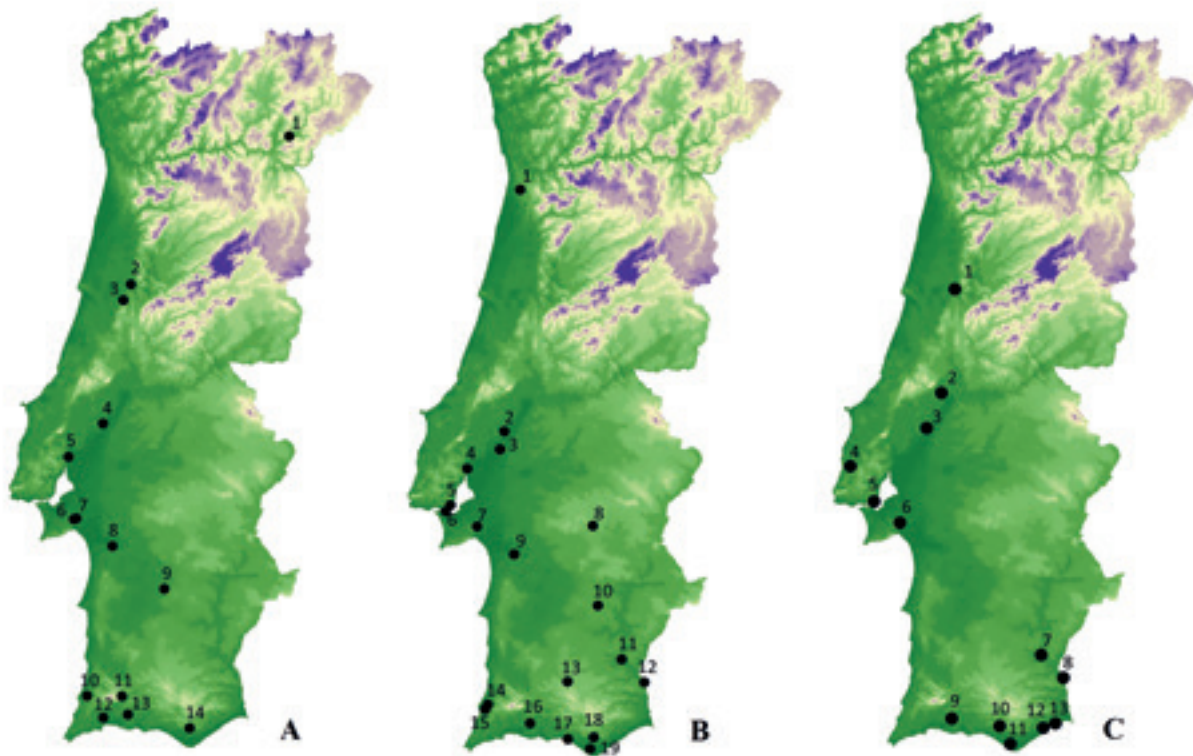


Figura 2. Sítios com cerâmica pintada a vermelho. A - *Período emiral*: 1) Cemitério dos Mouros (Torre de Moncorvo) ?; 2) Coimbra; 3) Conímbriga?; 4) Santarém; 5) villa de Sub-Serra (Vila Franca de Xira); 6) Alto da Queimada (Palmela); 7) Palmela; 8) Alcácer do Sal?; 9) Porto Torrão (Ferreira do Alentejo); 10) Barradas (Aljezur); 11) Castelo de Alferce (Monchique); 12) Barradas (Lagos); 13) Silves; 14) villa de Milreu (Faro). B - *Período califal\taifa*: 1) Santa Maria da Feira; 2) Santarém; 3) Serradinho (Salvaterra de Magos); 4) castelo de Povos (Vila Franca de Xira); 5) Lisboa; 6) Quinta de Castros (Almada); 7) Palmela; 8) Évora; 9) Alcácer do Sal; 10) Beja; 11) Mértola; 12) Mesas do Castelinho (Almodôvar); 13) Castelo Velho de Alcoutim; 14) Barradas (Aljezur); 15) Alcária (Aljezur); 16) Silves; 17) Cerro da Vila (Loulé); 18) villa de Milreu (Faro); 19) Faro. C - *Impérios Africanos*: 1) Coimbra; 2) Torres Novas; 3) Santarém; 4) Casal Vale Mourão (Mafra); 5) Lisboa; 6) Palmela; 7) Mértola; 8) Castelo Velho de Alcoutim; 9) Silves; 10) Loulé; 11) Faro; 12) Tavira; 13) Cacela-a-Velha (Vila Real de S. António)

Y, Z e AA). Pode mesmo ter influenciado algumas experiências localistas (Fig. 1: AB), e comparece inclusivamente em contextos formados após a conquista cristã, como na Coimbra do século XII (Silva, 2019: 165) ou em Torres Novas já na centúria seguinte (Fig. 1: AC).

O acréscimo da distribuição espacial, a par da afirmação do que parecem ser grupos estilísticos regionalizados, revelam, só por si, uma sociedade cada vez mais dinâmica e culturalmente coesa, com grande capacidade de inovação. Esta interpretação sai reforçada pela identificação de centros produtores localizados no território atualmente português⁶.

Se a sul, como vimos, se pode equacionar uma produção local em Silves desde o período emiral, esta só está definitivamente comprova-

da para momentos mais tardios, pela identificação de um forno que laborou entre os séculos XI-XII (Lopes *et al.*, 2021: 398). A ocorrência de recipientes defeituosos em Mértola (Fig. 1: AD) constitui forte argumento para que se possa assumir a sua função como centro de produção e distribuição, do período califal em diante.

Noutras latitudes, as abordagens arqueométricas permitiram comprovar a sua produção em áreas bastante mais periféricas face ao Guadalquivir, como seja a região de Palmela (Fernandes, 2003: 639-640), onde também se pode equacionar o seu início na transição entre o Emirado e o Califado e, já entre os séculos XI-XII, em Lisboa (Dias *et al.*, 2008: 161) e Santarém (Beltrame *et al.*, 2019: 925; Fig. 1: AF).

Resta sublinhar que a pintura a vermelho foi indissociável da implantação da formação social

6 Que se encontram sublinhados na Figura 2.

islâmica, da forma como esta organizou a produção cerâmica e dos seus esquemas de interação entre núcleos de povoamento. À semelhança do que vem sendo assinalado para as produções vidradas - pelo menos no vale do Tejo (Gomes *et al.*, 2005: 226; Liberato, 2024: 327) - a conquista cristã das cidades muçulmanas determinou a desarticulação da sua oferta, sendo bastante rara em contextos pós-conquista, acabando mesmo por desaparecer do registo arqueológico ao longo do século XIII. Posterior a essa centúria, só conhecemos ocorrências em Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2013: fig. 13, n.º 18), em contextos já dos finais da Idade Média (Liberato, 2024: 333), em absoluto contraste com a ampla difusão que atingiu durante o período islâmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emergem dos dados compulsados algumas tendências que merecem destaque. Em período pré-islâmico, a pintura a vermelho parece ser especialmente frequente em necrópoles, o que nos leva a conjecturar que esta ornamentação se aplicasse preferencialmente em objetos votivos. Paralelamente, não parece ser possível sinalizar, a partir da coincidência de motivos ou do tipo de fabrico, padrões de distribuição que possam indicar centros de produção com distribuição alargada. Pelo contrário, a sua manufatura ocorreria apenas em escassos centros polarizadores relevantes que, quando muito, abasteceriam episodicamente o seu *hinterland*. Um cenário, de resto, concordante com as tendências autárquicas que se fizeram sentir em vastas áreas da Península, durante as cronologias anteriores ao século VIII.

Parece ser em torno do século IX que as produções pintadas a vermelho se firmaram definitivamente como produto de consumo restrito e começaram a irradiar pela malha urbana que estruturava o domínio territorial dos novos senhores. Em Coimbra e em Santarém, correspondem mesmo às primeiras importações verificadas no registo arqueológico para cronologias posteriores à definitiva desagregação do mundo romano.

Estas produções primevas correspondem, todavia, a duas correntes estilísticas aparentemente distintas, revelando porventura origens geográficas igualmente diferentes, um primeiro indicador de que não foram uma inovação ornamental diretamente derivada da entrada de contingentes populacionais forâneos, decorrente da conquista islâmica. A raridade da utilização desse

pigmento no Magrebe em contextos contemporâneos (Amorós, 2018: 356) também desaconselha o estabelecimento dessa relação. Parece, assim, mais coerente que se interprete a sua crescente presença como decorrente da exponenciação geográfica dos aros de distribuição de *ateliers* pré-existentes, comprovados em Córdoba e ocorrendo também, com elevada probabilidade, na região de Toledo, passando essas produções a abastecer os centros urbanos axiais para implantação do poder islâmico. A sua difusão passou então a dinamizar processos de osmose cultural cada vez mais intensos, podendo mesmo ter sido o catalisador de alterações morfológicas nas paletas formais locais, pelo contacto com protótipos “islâmicos”, que foram progressivamente chegando a áreas periféricas.

A dinâmica cultural referida teria sido sempre mais intensa nas regiões e nos povoados com maior vocação geográfica para a interação com o vale do Guadalquivir e a costa mediterrânea. Assim, a hipótese de que as primeiras produções locais de cerâmica pintada a vermelho se tenham centrado no Algarve, com epicentro em Silves, carece de comprovação definitiva, mas é altamente provável. Ao longo do período califal esse processo foi sempre em crescendo: a afirmação de centros produtores por todo o Garb, a par da complexificação e estandardização dos motivos preferidos, que parecem mesmo definir coerências regionais, são elementos que convergem todos numa mesma leitura: a sociedade urbanizava-se, complexificava-se e a especialização produtiva surgia cada vez mais afinada.

Nesta perspetiva, a sua distribuição geográfica constitui-se como evidente marca material da expansão e afirmação da formação social islâmica nos territórios que dominava de facto. O seu desaparecimento progressivo do registo arqueológico, acompanhando a diacronia do avanço dos reinos cristãos, reforça indiscutivelmente essa interpretação.

BIBLIOGRAFIA

- Acien Almansa, M., Castaño Aguilar, J. M., Navarro Luengo, I., Salado Escaño, J. B. e Vera Reina, M. (2003): “Cerámicas tardorromanas y altomedievales en Málaga, Ronda y Morón”, in: Caballero Zoreda, L.; Mateos Cruz, P.; Retuerce Velasco, M. [coords.]: *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica: ruptura y continuidad*, Madrid: CSIC, pp. 411-454.

- Alarcão, J., Delgado, M.; Mayet, F., Alarcão, A. M. e Ponte, S. da (1976): *Fouilles de Conímbriga*. vol. VI - *Céramiques diverses et verres*, Paris: Mission Archéologique Française au Portugal/ Musée Monographique de Conímbriga.
- Alba, M. e Feijó, S. (2001): “Cerâmica emiral de Mérida”, in: *Garb - Sítios islâmicos do sul Peninsular*, Lisboa/Badajoz: IPPAR/Junta de Extremadura, pp. 329-375.
- Alfenim, R. e Lopes, M. da C. (1995): “A basílica paleocristã / visigótica do Monte da Cegonha (Vidigueira)”, in: *IV Reunió D'Arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 389-399.
- Amorós Ruiz, V. (2018): *El Tolmo de Minateda en la Alta Edad Media. Cerámica y contexto*, Alicante: Publicacions Universitat d'Alacant.
- Arruda, A. M., Almeida, M. J. e Viegas, C. [coord.] (2002): *De Scalabis a Santarém*, Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Banha, C. M. dos S. (1998): “As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar”, *Cira* 7, pp. 75-109.
- Barata, M. F. [coord.] (2007): *Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal. Catálogo*. Lisboa: IGESPAR.
- Barragán Valencia, M. (2009): “La necrópolis tardoantigua de carretera de Carmona, *Hispalis*”, *ROMVLA* 8, pp. 227-256.
- Barragán Valencia, M. (2012): “Un conjunto de cerâmica tardoantigua procedente de la Atalaya de la Moranilla (Écija, Sevilla)”, *ROMVLA* 11, pp. 249-272.
- Batalha, L. (2009): “Cerâmica islâmica”, in: Batalha, L., Caninas, J., Cardoso, G. e Monteiro, M. [coords.]: *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*, Lisboa: EPAL-Empresa Portuguesa das Águas Livres, pp. 117-127.
- Beltrame, M., Liberato, M., Mirão, J., Santos, H., Barrulas, P., Branco, F., Gonçalves, L., Candeias, A. e SCHIAVON, N. (2019): “Islamic and post Islamic ceramics from the town of Santarém (Portugal): The continuity of ceramic technology in a transforming society”, *Journal of Archaeological Science: Reports* 23, pp. 910-928.
- Bohigas Roldán, R., Andrio Gonzalo, J., Penil Minguez, J. e García Alonso, M. (1989): “Las cerâmicas medievales no esmaltadas en las provincias de Cantabria, Palencia y Burgos”, in: Bohigas Roldán, R. e Gutiérrez González, J. A. [coords.]: *La cerâmica medieval en el Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximación a su estudio*, León: Universidad de León – Servicio de Publicaciones, pp. 113-154.
- Catarino, H. (2017): “O atual território de Loulé no período islâmico”, in: *Loulé, Territórios, Memórias, Identidades. Catálogo da Exposição*. Museu Nacional de Arqueologia-Museu Municipal de Loulé: Imprensa Nacional, pp. 450-462.
- Coutinho, H. (2007): “Cerâmica dos séculos VI e VII do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)”, *Xelb* 7, pp. 283-302.
- Dias, M. I., Prudêncio, M. I., Bugalhão, J., Gomes, S., Brum, M. J. S. e Folgado, D. (2008) – “A produção de cerâmicas no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica – primeiros resultados arqueométricos”. in: *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro, Setembro de 2004. A ocupação islâmica da Península Ibérica. Faro: Universidade do Algarve*. pp. 157-167.
- Dias, M. I., Prudêncio, M. I. e Gouveia, M. Â. (2001): “Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica”, In: *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa/Badajoz: IPPAR/Junta de Extremadura, pp. 257-281.
- Fabião, C. e Guerra, A. (1993): “Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar)”, *Arqueologia Medieval* 2, pp. 85-102.
- Fernandes, I. C. F. (2003): “Revestimentos e decoração na Cerâmica Islâmica de Palmela (Portugal)”, in: *Actas do VII Congrès international sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*. Atenas: Ministère de la Culture/Caisse des Recettes Archéologiques, pp. 639-652.
- Fernandes, I. C. F. (2004): *O Castelo de Palmela: do Islâmico ao Cristão*, Lisboa/Palmela: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. F. (2020): “Cantil”, in: Caetano, J. O. e Macías, S. [coords.]: *Guerreiros e Mártires. A cristandade e o Islão na formação de Portugal. Catálogo de exposição no MNAA*, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 149.
- Fuertes Santos, M. del C. (2010): *La cerâmica medieval de Cercadilla, Córdoba. Tipología, decoración y función*, Córdoba: Junta de Andalucía - Consejería de Cultura.
- Gamito, T. J. (2007): *O Algarve e o Magreb (711-1249)*, Faro: Universidade do Algarve.
- Gomes, A., Gaspar, A., Guerra, S., Calé, H., Ribeiro, S., Pinto, P., Valongo, A. e Pimenta, J. (2005): “Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas” in: Barroca, M. J. e Fernandes, I. C. [coords.]: *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII). Actas dos Seminários realizados em Palmela e Porto em 2003*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 221-236.

- Gomes, R. V., Gomes, M. V. (1992) – “Cerâmica Muçulmanas, de Silves, dos Séculos VIII-IX” in: *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval Tondela*, pp. 19-32.
- Gomes, R. V. (1995): “Cerâmicas muçulmanas de Silves dos séculos VIII e IX”, in: *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 19-32.
- Gomes, R. V. e Gomes, M. V. [coord.] (2001): *Palácio Almóada da Alcáçova de Silves. Catálogo da Exposição*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Gomes, R. V. (2006): *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Gomes, R. V. (2011): *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a zona da Arrochela*, Lisboa: IGESPAR.
- Gómez Laguna A. J. e Rojas Rodríguez Malo J. M., (2009): “El yacimiento de la Vega Baja de Toledo. Avance sobre las cerámicas de la fase emiral”, in: *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo (Almagro, 2006)*, tomo II, pp. 705-804.
- Gómez Martínez, S. (2014) – *Cerâmica Islâmica de Mértola. Museu de Mértola*. Mértola. Campo Arqueológico de Mértola.
- Grilo, C., Fabião, C. e Bugalhão, J. (2013): “Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)”, in: Arnaud, J. M., Martins, A. e Neves, C. [eds.]: *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 849-857.
- Liberato, M. (2012): *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval: uma abordagem diacrónica séculos XI a XVI*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa.
- Liberato, M. (2024): *Entre Tejo e Mondego, nos séculos VI-XIV: povoamento e cultura material num espaço disputado*. Tese de Doutoramento. Faro: Universidade do Algarve.
- Lopes, C. do C. e Ramalho, M. (2001): “Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém”, in: *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, Lisboa: IPPAR/Junta de Extremadura. pp. 31-87.
- Lopes, G. (2015): “Materiais do povoado islâmico do Serradinho (Muge, Salvaterra de Magos)”. *Cira Arqueologia* IV, pp. 171-186.
- Lopes, G., Bugalhão, J., Gomes, A. S., Gómez; S., Gonçalves, M. J., Inácio, I., Liberato, M., Santos, C. dos, Catarino, H., Cavaco, S., Covaneiro, J. e Fernandes, I. C. (2021): “Olarias no Garb al-Andalus”, in: *Actas del VI Congreso de Arqueología Medieval, (España-Portugal)*, Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 393-340.
- Lopes, G. (2007): “Um cantil almóada em Torres Novas”, *Nova Augusta* 19, pp. 319 - 325.
- Luna, I. e Cardoso, G. (2013): “A urbe de Torres Vedras e a sua cerca medieval”, in: Fernandes, I. C. F. [coord.]: *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. 1, Lisboa: Edições Colibri/Campo Arqueológico de Mértola, pp. 457-472.
- Maia, M. e Maia, M. [coord.] (2012): *Tavira Islâmica*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- Pascual Pacheco, J., Ribera y Lacomba, A. R. e Roselló Mesquida, M. (2003): “Cerámicas de la ciudad de Valencia entre la época visigoda y omeya (siglos VI-X)”, in: Caballero Zoreda, L., Mateos Cruz, P. e Retuerce Velasco, M. [coords.]: *Cerámicas tardo-romanas y altomedievales en la Península Ibérica: ruptura y continuidad*, Madrid: CSIC, pp. 67-11.
- Paulo, D. (2000): *A Casa Islâmica. Catálogo*, Faro: Câmara Municipal de Faro.
- Pereira, T. A. S. (2013): *A ocupação Alto-Medieval do povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Roselló, M., Santos, C., Carvalho, L., Santos, F. (2016) – “Contributo para o conhecimento das ocupações tardo-antiga e alto-medieval do Vale do Sabor. O caso de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo); à luz do estudo da sua componente cerâmica”, *Arqueologia Medieval* 13, pp. 35-63.
- Rosser Limiñana, P. (2013): *Arqueología del poblamiento de un territorio del Mediterráneo Occidental (Alicante, España) desde época tardía a la primera ocupación islámica. Un espacio activo sin ciudad: de villas a aldeas*, Tese de Doutoramento, Alicante: Universidad de Alicante.
- Santos, J. R. (2015): *Um olhar sobre o quotidiano de Évora no período medieval-islâmico. Séculos VIII a XI*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente, Évora: Universidade de Évora.
- Serra, S. [dir.] (2009): *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/EGEAC, EM.
- Serrano Herrero, E., Torra Pérez, M., Catalán Ramos, R. e Vigil-Escalera Guirado, A. (2016): “Cerámica de los siglos VIII-IX en Madrid, Toledo y Guadalajara”, in: Vigil-Escalera Guirado, A. e Quirós Castillo, J. A. [coord.]: *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X): sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 279-313.
- Silva, A. e Silva, R. C. da (2005): “Resultados da intervenção no sítio arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8:2., pp. 55-106.

- Silva, R. (2015): *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Silva, R. C. da (2019): *Do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco - um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Silvério, S. M. S. F. (2001): *Silos Islâmicos de Alcária. Aljezur (Séculos VIII-XIII)*, Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur/Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur.
- Silvério, S. e Barradas, E. (2015): “Ocupação islâmica na vertente sudoeste da várzea de Aljezur – O sítio da Barrada e a envolvente da Igreja Matriz de N. Sra. da Alva”, in: *Actas do X Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo*, Silves: Câmara Municipal de Silves/Campo Arqueológico de Mértola, vol. 1. pp. 257-261.
- Sousa, A. C. de F. A. B. de, Miranda, M. A. V. T., Sousa, E. R. B. de e Carvalho, L. A. V. (2009): *Vale do Casal Mourão - Relatório final*, Documento policopiado.
- Teichner, F. (1994): “Acerca da Vila Romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe”, *Arqueologia Medieval* 3, pp. 89-100.
- Teixeira, R. [coord.] (2017): *Castelo de Santa Maria da Feira. Estudos Arqueológicos*, Santa Maria da Feira: Câmara de Santa Maria da Feira.
- Torres, C. e Macías, S. [coord.] (1998): *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa. Instituto Português de Museus.

